

A Recolonização da América Latina e a Guerra na Venezuela

By [Prof. James Petras](#)

Global Research, September 02, 2019

“O Hemisfério Ocidental é a nossa região”, disse Michael Pompeo, secretário de Estado dos EUA.

Introdução

Desde que os EUA declararam que a Doutrina Monroe proclama sua supremacia imperial sobre a América Latina, há quase 200 anos, um regime da Casa Branca afirmou abertamente sua missão de recolonizar a América Latina.

A segunda década do século XXI testemunhou, em palavras e ações, a mais completa e bem-sucedida recolonização dos EUA na América Latina, e seu papel ativo e declarado como sipaios coloniais de uma potência imperial.

Neste artigo, examinaremos o processo de recolonização e as táticas e metas estratégicas que são as forças motrizes da construção de colônias. Concluiremos discutindo a durabilidade, a estabilidade e a capacidade de Washington de manter a propriedade do Hemisfério.

Uma Breve História da Colonização e Descolonização do Século XX

A colonização norte-americana da América Latina foi baseada em intervenções militares, econômicas, culturais e políticas diretas dos EUA, com ênfase especial na América Central, na América do Norte (México) e no Caribe. Washington recorreu a invasões militares, para impor vantagens favoráveis ao comércio e ao investimento e designou e treinou forças militares locais para defender o domínio colonial e garantir a submissão à supremacia regional e global dos EUA.

Os EUA desafiaram as potências coloniais européias rivais – em particular a Inglaterra e a Alemanha, e eventualmente as reduziram ao status marginal, através de pressões e ameaças militares e econômicas.

O processo de recolonização sofreu sérios retrocessos em algumas regiões e nações com o início da Grande Depressão, que minou a presença militar e econômica dos EUA e facilitou o surgimento de regimes e movimentos nacionalistas poderosos, em particular na Argentina, Brasil, Chile, Nicarágua e Cuba.

O processo de “descolonização” levou à nacionalização dos setores de petróleo, açúcar e mineração dos EUA; uma mudança na política externa para uma independência relativamente maior; e leis trabalhistas que aumentaram os direitos dos trabalhadores e a sindicalização de esquerda.

A vitória dos EUA na Segunda Guerra Mundial e sua supremacia econômica levaram Washington a reafirmar seu domínio colonial no Hemisfério Ocidental. Os regimes latino-americanos se alinharam com Washington nas guerras do frio e do calor, apoiando as guerras dos EUA contra a China, a Coreia, o Vietnã e o confronto contra a URSS e a Europa Oriental.

Para Washington, trabalhando através de seus regimes ditatoriais colonizados, invadiu todos os setores da economia, especialmente os agro-minerais; passou a dominar os mercados e procurou impor sindicatos colonizados dirigidos pela AFL-CIO, de centro imperial.

No início da década de 1960, uma onda de movimentos sociais populares nacionalistas e socialistas desafiou a ordem colonial, liderada pela revolução cubana e acompanhada por governos nacionalistas em todo o continente, incluindo Argentina, Bolívia, Venezuela, Peru, Equador e República Dominicana. As empresas multinacionais norte-americanas foram forçadas a se engajar em joint ventures ou foram nacionalizadas, assim como os setores de petróleo, minerais e energia.

Os nacionalistas passaram a substituir os produtos locais por importações, como estratégia de desenvolvimento. Um processo de descolonização estava em andamento!

Os EUA reagiram lançando uma guerra para recolonizar a América Latina através de golpes militares, invasões e eleições manipuladas. A América Latina mais uma vez se alinhou com os EUA em apoio ao seu boicote econômico a Cuba e à repressão de governos nacionalistas. Os EUA reverteram as políticas nacionalistas e desnacionalizaram suas economias sob a direção das chamadas organizações financeiras internacionais controladas pelos Estados Unidos – como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BAN) Banco Mundial (BM).

O processo de recolonização avançou, ao longo das décadas de 1970 e 1980, sob os auspícios de regimes militares recém-impostos e da nova doutrina de “livre mercado” neoliberal.

Mais uma vez, a recolonização levou a sociedades altamente polarizadas, nas quais as elites colonizadas domésticas eram uma minoria distinta. Além disso, a doutrina econômica colonial permitiu que os bancos e investidores dos EUA saqueassem os países latinos, impusessem cargas de dívida fora do controle, desindustrialização das economias, aumentos severos no desemprego e um declínio abrupto nos padrões de vida.

Nos primeiros anos do século XXI, o aprofundamento da colonização levou a uma crise econômica e ao ressurgimento de movimentos de massa e novas ondas de movimentos nacionalistas populares que buscavam reverter – pelo menos em parte – as relações e estruturas coloniais.

As dívidas coloniais foram renegociadas ou baixadas; algumas firmas estrangeiras foram nacionalizadas; aumentaram os impostos sobre os exportadores agrícolas; aumentos nos gastos com previdência pública reduziram a pobreza; o investimento público aumentou os salários e os salários. Um processo de descolonização avançou, auxiliado por um boom de peças de commodities.

A descolonização do século XXI foi parcial e afetou apenas um setor limitado da economia;

Aumentou principalmente o consumo popular, em vez de mudanças estruturais na propriedade e poder financeiro.

A descolonização coexistiu com as elites do poder colonial. As principais mudanças significativas ocorreram em relação às políticas regionais. A descolonização das elites estabeleceu uma aliança regional que excluía ou minimizava a presença dos EUA.

O poder regional mudou para a Argentina e o Brasil no Mercosul; Venezuela na América Central e no Caribe; Equador e Bolívia na região andina.

Mas, como a história demonstrou, o poder imperial pode sofrer reveses e perder colaboradores, mas enquanto os EUA mantêm suas alavancas militares e econômicas de poder, ele pode usar todos os instrumentos de poder para recolonizar a região, numa abordagem passo a passo, incorporando regiões em sua busca pela supremacia do hemisfério.

A Recolonização da América Latina: o Brasil, a Argentina e o Pacto de Lima contra a Venezuela

À medida que a primeira década do século XXI se desenrolava, numerosos governos e movimentos latino-americanos iniciaram o processo de descolonização, deslocando os regimes dos clientes dos EUA, assumindo a liderança em organizações regionais, diversificando seus mercados e parceiros comerciais.

No entanto, os líderes e partidos eram incapazes e não queriam romper com as elites locais ligadas ao projeto de colonização dos EUA.

Vulneráveis a movimentos descendentes nos preços das commodities, compostos por alianças políticas heterogêneas e incapazes de criar ou aprofundar a cultura anticolonial, os Estados Unidos começaram a reconstruir seu projeto colonial.

Os EUA atacaram primeiro o “elo mais fraco” do processo de descolonização. Os EUA apoiaram golpes em Honduras e no Paraguai. Então Washington voltou-se para converter o judiciário e o congresso como degraus para lançar um ataque político aos regimes estratégicos na Argentina e no Brasil e transformar os regimes secundários no Equador, Chile, Peru e El Salvador na órbita dos EUA.

Com o avanço do processo de recolonização, os EUA recuperaram seu domínio em organizações regionais e internacionais. Os regimes colonizados privatizaram suas economias e Washington garantiu regimes dispostos a assumir dívidas onerosas, anteriormente repudiadas.

Os avanços dos EUA na recolonização visavam a focalizar o governo anticolonial rico em petróleo, dinâmico e formidável na Venezuela.

A Venezuela foi alvo de várias razões estratégicas.

Primeiro, a Venezuela sob o presidente Chávez se opôs às ambições coloniais regionais e globais dos EUA.

Em segundo lugar, Caracas forneceu recursos financeiros para reforçar e promover regimes anti-coloniais em toda a América Latina, especialmente no Caribe e na América Central.

Em terceiro lugar, a Venezuela investiu e implementou uma agenda social estadual profunda e abrangente, construindo escolas e hospitais com educação e cuidados de saúde gratuitos, alimentação subsidiada e moradia. A Venezuela democrática socialista contrastava com o abismal desmantelamento do estado de bem-estar dos Estados Unidos entre os estados coloniais reconstruídos.

Em quarto lugar, o controle nacional da Venezuela sobre os recursos naturais, especialmente o petróleo, era um alvo estratégico na agenda imperial de Washington.

Embora os EUA reduzissem ou eliminassem com sucesso os aliados da Venezuela no resto da América Latina, seus repetidos esforços para subjugar a Venezuela fracassaram.

Um golpe abortado foi derrotado; como foi um referendo para destituir o presidente Chávez.

Boicotes dos EUA e o financiamento de eleições não derrubaram o governo venezuelano

Washington foi incapaz de pressionar e garantir o apoio da massa da população ou dos militares.

Técnicas de golpe, bem sucedidas na imposição de regimes coloniais em outros lugares, falharam.

Os EUA voltaram-se para uma guerra militar, política, econômica e cultural em vários continentes, ampla, coberta e encoberta.

A Casa Branca nomeou Juan Guaido, um virtual desconhecido, como “presidente interino”. Guaido foi eleito para o Congresso com 25% dos votos em seu distrito natal. Washington gastou milhões de dólares na promoção de Guaido e no financiamento de ONGs e organizações de direitos humanos para caluniar o governo venezuelano e lançar ataques violentos contra as forças de segurança.

A Casa Branca reuniu seus regimes recolonizados na região para reconhecer Guaido como o “presidente legítimo”.

Washington recrutou vários países líderes da União Européia, especialmente o Reino Unido, a França e a Alemanha, para isolar a Venezuela.

Os EUA procuraram penetrar e subverter a população venezuelana através da chamada ajuda humanitária, recusando-se a trabalhar através da Cruz Vermelha e outras organizações independentes.

A Casa Branca fixou o fim de semana de 23 a 24 de fevereiro como o momento para derrubar o presidente Maduro. Foi um fracasso total e absoluto, colocando a mentira em todas as invenções de Washington.

Os EUA alegaram que as Forças Armadas desertariam e se uniriam à oposição financiada pelos EUA – apenas uma centena ou mais, de 260.000 o fizeram. Os militares permaneceram fiéis ao povo venezuelano, ao governo e à constituição, apesar de subornos e promessas.

Washington afirmou que “o povo” na Venezuela lançaria uma insurreição e centenas de milhares atravessariam a fronteira. Além de algumas dúzias de bandidos de rua, jogando

coquetéis Molotov, não houve revolta e menos de algumas centenas tentaram atravessar a fronteira.

Toneladas de “ajuda” dos EUA permaneceram nos armazéns colombianos. A patrulha de fronteira brasileira enviou a embalagem de “manifestantes” financiada pelos EUA para bloquear a passagem livre através da fronteira

Mesmo os provocadores americanos que incineraram dois caminhões que transportavam “ajuda” foram expostos, os veículos em chamas permaneceram no lado colombiano da fronteira. Os boicotes patrocinados pelos EUA às exportações venezuelanas de petróleo são parcialmente bem-sucedidos porque Washington conquistou ilegalmente as receitas de exportação da Venezuela.

O grupo recolonizado de Lima aprovou resoluções hostis e reintegrou o presidente de Trump, Guaido, mas poucos eleitores na região levaram seus pronunciamentos a sério.

Conclusão

Quais são os estados colonizados que devem servir? Por que a Casa Branca não conseguiu recolonizar a Venezuela como no resto da América Latina?

Os estados recolonizados na América Latina servem para abrir seus mercados aos investidores dos EUA em condições fáceis, com baixos impostos e custos sociais e trabalhistas, e estabilidade política e econômica baseada na repressão das lutas populares e nacionais.

Espera-se que os regimes colonizados apoiem boicotes, golpes e invasões dos EUA e forneçam tropas militares como ordenado.

Os regimes colonizados tomam o lado dos EUA em conflitos e negociações internacionais; em organizações regionais, eles votam com os EUA e cumprem os pagamentos da dívida no prazo e na íntegra.

As nações recolonizadas asseguram resultados favoráveis para Washington manipulando eleições e decisões judiciais e excluindo candidatos e autoridades anti-coloniais e prendendo ativistas políticos.

Os regimes colonizados antecipam as necessidades e demandas de Washington e introduzem resoluções em seu nome nas organizações regionais.

No caso da Venezuela, eles promovem e organizam um bloco regional como o Grupo Lima para promover a intervenção liderada pelos EUA.

James Petras

Original em inglês :



[The Recolonization of Latin America and the War on Venezuela](#)

Tradução: dinamicaglobal.wordpress.com

*

Nota aos leitores: por favor carreguem nos botões de partilha abaixo. Reencaminhem este artigo às vossas listas de correio. Partilhe-o no seu blogue ou página, fóruns na Internet, etc.

Autor galardoado, o **Prof. James Petras** é investigador associado do Centre for Research on Globalization.

Imagem em destaque: Protesto no exterior do Consulado dos Estados Unidos em Sydney a 23 de Janeiro de 2019 a exigir a não-intervenção dos EUA na Venezuela. Foto: Peter Boyle

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Prof. James Petras](#), Global Research, 2019

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Prof. James Petras](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca